

# O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO , RECREATIVO E NOTICIOSO.

REDACTOR -- JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO - 2 DE NOVEMBRO DE 1862.

N. 26

## O PACAJÁ.

O digno *Chronista* do *Argos* em falta de assumpto para entreter seus leitores , teve a bondade de nos metter á bulha, por causa dos artigos *Pedro e seu amo*.

O distinto *chronista* tem o prazer de reconhecermo-lo. Foi mesmo inconsideradamente que aceitamos esses artigos ; apezar disso permitta-nos o *chronista* que reclamemos contra o modo menos justo e pouco civil por que qualifica esses artigos. Jamais n'elles se desrespeitou ninguem , ou offendeu-se á moral. Os artigos ahi estão, e desafiamos ao *chronista* para que nos aponte as offensas á moral que nelles tem apparecido. E' inexacto ter-mos aceitado artigos que firão a reputação de qualquer e menos ainda de ter-mos desrespeitado o lar domestico , pois não temos esses costumes vis e repugnantes que o *chronista* quer emprestar-nos. A lição seria util para outrem , não para nós- porque apezar de jovens e principiantes apenas, sabemos seguir escudados na prudencia pelo devido caminho e por isso permitta-nos o *chronista*, dizer-lhe que não aceitamos a sua lição que alem de incivil tem o inconveniente de não ser acompanhada de exemplos que esclareçam a regra.

Seria bom que aquelles que censuram, e recommendão scircunspção fossem os primeiros em ser scircunspctos , e que não elevassem um pequeno grão d'arêia ás proproções do *Pão d'Assucar*, e que

O caso contem como o caso foi.

## Pedro e seu amo.



--Bravos moleque , como ficas bonito vestido a maruja !

--E' para, nhonho ver que de toda forma, Pedro, é um bonito rapaz , apezar des-

ses elogios que nhonho me faz , tenho querido por mais de cento e uma vez pedir a minha demissão, e se não fosse ter pena de meu amo , por certo ja tinha mandado esta vida ao diabo !

--Então qual a rasão , Pedro ?

--Tenho sido muito censurado, porque infelizmente nasci negro e não posso apparecer onde o branco mele-se de gorra.

--Deixa-te de *historetas* , és as minhas pernas e faltando-me não sirvo para nada.

--Porem, nhonho, podia ver uma pessoa branca, para ter o direito de fallar , pois do contrario seremos sempre censurados.

--Porem não ouviste ainda dizer de quem é o barrete com que nos mimosearão ?

--Está tudo cheio por ahi, nhonho, que é de um moço chamado *Martello*, porem não sei onde mora esse *gaiato* !

--Oh ! do Mr. *Martello* ? ! conheço muito ! bem desconfiava eu !..

--Pois eu, nhonho, estou aqui pronto; pode mandar-me onde lhe agradar que com muito praser hirei.

--Pois , Pedro , eu aproveito já que es-

*Pedro e seu amo*  
do meu  
N.º 180



taes pronto. Sabes andar á vella, patroar, e dessas mais manobras do mar, não é?

--Sei, sim senhor; entendo de orçar arribar, fazer uma ale-larga enfim, nhonho, não tenha duvida porque Pedro é bom, e entende *datrica*.

Alem disso, nhonho, o batel ainda está abicado a praia e agora é só receber as ordens do nhonho, e correr para á praia repetindo como o *Bardo* ao remeiro « Ao largo! » e meu batel, hirá então, nhonho, fendendo essas aguas verde-escuras de nosso oceano.

--Bom, muito bom! pois então hirás. Leva esta carta. Fassa-se de vella a *Ilha das Vinhas* e dê alguns bordejos por ella, veja si a vista lá Mr. Martello, e aborde a ella.

--Mas, nhonho, eu não conheço esse *quidam*!

--Eu te darei os fidelissimos signaes, olha: é um moço de enorme *abdome*, sustenta grande *filauca*, tem certo *gaz á capoeira* no andar e no fallar demonstra certa *imposam* ou *rodomontarde*, e entregue esse agradecimento que o envio, e você introduza-lho de sua parte seus *comprimentos*, pela *toisca* lembrança de occupar-se de nos;

--E' verdade! que ideia esturdia, nhonho!. escolher a minha pessoa para seu *palito* sem ao menos lembrar-se que para isso é muito *grossa*! Forte *patola*, nhonho! Essa lembrança só de *algum bisegue*, ou *Zacharias*! Quer Mr Martello, nhonho associado ou *cangado* com seu amigo pregar lições de moral!... Lições de *moral*!! esse antigo *marujo* da *briosa* tripulação do *Chaveco*, esse antigo *importador* do *Merçador*, esse grande heroe, esse *vulto* que pelos seus feitos por suas altas *façanhas* honrou as paginas do *Livro Negro*! e agora coberto com a falsa capa de *Mentor*, prega embusteira moral--doutrina essa para elles completamente estranha, sem ao menos tapar com o embuço o cynismo que os absorve, que tão saliente se manifesta estantado na frente! Ora, nhonho, esta só lembra ao diabo!

Chamão-nos de *immoraes*, porque censuramos as faltas de quem não cumpre com suas abrigações; somos *immoraes* por que

censuramos ao tal moço que imitando a esses *meninos descalços* (ou moleques) joga *capoeira* na rua ou os *tápas* e aproveitando-se da tarefa de *Chronista*, para vingar-se da sensura do nhonho e do meu *sabonete* lança-nos um ponhado de imunda lama que tambem o salpica....

--Forte lorpa, é o Snr. *Martello*, Pedro!

--Em que é que esse *gaiato* vê *redicularia*, *immoralidade* e *escandalo* conforme disse? *Deus te perdóe Paschoal*! Dis o tal minino, nhonho, que somos os proprios avilipendiar a nossa nacionalidade e que por isso fique o estrangeiro sensato, inteligente e não sei que mais reconhecendo pela sua *cathilinaría*, que foi reprovado o nosso procedimento, e não aceito. *Vous êtes trompé Mr. Martello*, o seu amigo a quem S. S. acha-se hoje aliado, graças á seus lindos olhos, machucar e deprimir as familias honestas e zombar desse bom povo pela importancia que lhes derão, não sei o que será, e no entanto é esse estrangeiro querido e amado pela mesma pessoa do Mr. Martello, e tem o direito de tudo dizer, censurar e desacreditar aquelles que tiverão a infelicidade de recolhel-o ao mesmo gremio d'onde recebeu a importancia que hoje ostenta: isso não sei o que será... Viva o patriotismo do Mr. Martello que quer que o estrangeiro tenha direito de tudo dizer e os nacionaes que meta uma rolha na boca! Forte tolema.

--Rasga-lhe o capote, moleque, não tenhas medo.

--Nenhum, nonho; não tenho *papas* na lingua. Engraçado e muito engraçado é Mr. *Martello* na sua historia. Elle que recorde-se ou pergunte a seu collega ou *adjunto* das *celeberimas molequagens* desses *gaiatos* de cabellos brancos d'outr'ora e que me diga o que será aquillo a par de nossa *immoralidade*.

Julga o tal *moralista de meia tigella* que as suas palavras por serem dirigidas a nós, ficarão tendo mais valor ou que nos abateraõ? engana-se completamente! o calhão que quebra um brilhante não tem mais valor que tinha, não passa de um vil calhão e o brilhante, não perde o seu *merimento*, não perde o seu valor.



E' falso, e admiro a ousadia de dizer que tenho entrado em caza de familias honestas e respeitaveis !

E' falso é calunia, é uma injuria taxar-me de immoral, gritar que tenho propagado immoralidade ! E se assim fosse, temos consciencia que não fasia mal ; temos consciencia que as donzellas ao ler as ordens que nhonho tem me dado, não corrião, embora tivesse estancada a immoral ; e se sisesse corar o rosto de alguma, tambem mal não fasia, por que demonstrava que o que lia não éra para ella estranho, não hiria-mos corrompel-a por que a cor assommada a seu rosto, indicava ja a sua corrupção, e sciente estamos que não acontece o mesmo com as jovem que indicão a sua virgindade pela ignorança do que lê. Por conseguinte Mr. Martello que não meta-se mais com quem não o chamou, e fique sabendo que não tenho o costume de tocar no lar domestico, por que apezar de negro não forão esses os principios dados por meu nhonho. Muita razão tem, nhonho, esse lorpa para chamar-me *11 letras*, pois muito e muito lhe servi e desde então é que asserrei-me ao maldito vicio de meter meu nariz nas casas de familias honestas a respeitaveis, como disse Mr. Martello, e hoje inculca-se *grande moralista*. Bem me dizia minha avó quando fiava seu algodão : a virtude, meu filho, não é aquillo que parece ser virtude » e muita razão tinha ella, coitada !

--Elle quiz divertir-se conosco por que nada tinha que contar, conforme confessou no entroito de sua ladainha.

--Pois é para o nhonho, ver que tal é o menino da *rabeca*.

--Bom ainda tinha-mos muito filame a dar, porem aconteceu o mesmo que Mr. Martello que achou o tempo pelo *chicote*. Quero que largues já o batel, por que fico ainda esperando aqui nesta ponte *exotica* ou tropiche d'Alfandega como a chamão.

--Eu mesmo quero aproveitar o vento que sopra sufrivel e pertendo ja voltar.

-Diras tambem, Pedro a Mr. Martello :

O Pedro não o interpellou

Pois que pague-lhe o sermão.

O patela que o encommendou.

--Tudo direi. Ate já. *Pedro e seu amo*.

## UM POETA IGNORADO.

### I.

Morreu hontem. Soaram os sinos da capital, não porque era uma alma generosa, mas por que as honras funebres são vendaveis. Ninguém derramou flores sobre a sua louza de pedra tosea ; ninguém recitou sobre o seu ferretro o elogio de seus feitos.

—Era um joven entusiasta— diziam os amigos.

O vulgo era menos nobre em seus conceitos ; chamava-o devasso e perdulario.

Se fosse um illustre avarento, enriquecido com o sangue dos trabalhadores, —contando á luz baça do candieiro as notas arrancadas aos seus clientes, houvera o vulgo, em sua morte, trajado lutos, e vertido hypocritas lagrimas.

Hoje santifica-se o dinheiro, e maldiçoa-se a poesia.

Poesia ! fallar n'ella, neste seculo de prosa, immundo como as fezes do gaz, vaporoso como o fumo das locomotivas ! Seculo que adora as discussões parlamentares, e foge das academias, —que bate palmas ás bailarinas, e proscreeve a tragedia, —que nobilita Mirés, e arroja pedras a Lamartine !

Pobre seculo ! Seculo de prosa !

### II.

M. d'Avellar, não era d'essa raça rachitica do seculo. Amou e creou muito. Admirava a arte, e apaixonava-se pelas bellas idéas.

Sentou-se á noite sob as arvores seculares de Versalhes ; pensou ali sobre a época historica em que o catholicismo organisára uma sociedade forte e idealisadora, que deu como typo de sua perfeição o reinado de Luiz 14, de Racine, e de Pascal. Respirou nas lagnnas da Hollanda o velho ar da liberdade batava ; vio os vestigios monumentaes d'essa raça forte do tempo de Grocio, e de Guilherme o sombrio, que roubou ao mar o terreno de uma repnblica, e fez de um pantano a senhora dos mares. Entre a taça do prazer e as paginas dos livros, a vizita dos monumentos, a convivencia de variados costumes, passouse-lhe a mocidade descuidosa, rindo dos adeptos da fortuna, e das celebridades officiaes da litteratura academica.

Antes de morrer, quando já a voz estava rouca, o peito arquejante, e os olhos amorteciam-se sob palpebras sem vida, quiz ainda



respirar um ar mais puro, campinas menos celebres, porém mais risenhas do futuro. Vizionou o Prata, e foi esquecer por instantes os seus soffrimentos sob o ceu dourado que vio batalhar Belgrano, e meditar o velho Echeverria.

Era um adeos à terra ideal das beldades poeticas!

### III.

Poucos souberam que acalentada n'aquello corpo exausto havia uma alma inspirada de poeta. Antes de morrer, em sua ultima vizita a estas montanhas, que foram a sua patria e a origem de seus males, Avellar despedio-se de tudo quanto amava em alguns versos singelos e tristes.

Poesia de coração!

Os litterarios tambem não a entendem. Para elles Porto-Alegre, é uma aguia, e Casimiro de Abreu, o cantor immortal da —*alma triste*—, não passa de humilde trovador de amore. Estes entretanto é que morrem, feridos pelo sentimento;) pagando cada fraze sentida de seus cantos com muitos dias de vida. O aquecer do cérebro arrebalalhes a mocidade da fronte; velhos antes da idade provecta, sulcam-lhes as rugas o rosto, em quanto os olhos ainda fallam com a vivacidade dos vinte annos.

Poetas do coração! amigos de minha mocidade humilde, -- Casimiro de Abreu, Gonçalves Braga, e tantos outros que ja sois mortos, eu vos saúdo! Que é d'essas vezes amigas, que me faziam erer na liberdade e na poesia, em todas essas santas illusões hoje naufragadas sobre a margem immunda do seculo!?

Poetas do coração eu vos saúdo!

### IV.

Avellar era dos vossos.

Amou mnito; -- e com um d'esses affectos immortaes, que principiam sob as ramas odoriferas dos laranjaes, e acabam junto aos cyrestes silensiosos dos tumulos.

Amores que valem bem uma vida, e que eu trocára por todas estas aspirações da ambição interesseira, que conta os dias pelos ganhos, e as noites pela perda das horas.

Quando vio passar o presto funebre de suas affeições, quando vio perdidas para sempre todas as esperanças de um bello futuro, comprehendeu que era de sua honra esquecer e morrer.

Esqueceu-se; mas entre o prazer que dilacera, e a vigilia que relembra pertinaz e cruel.

Saudades cortadas de golpes acerbos, prazeres em que se mistura o fel, hymnos da mocidade, em que ao longe soa o sino melancholico dos finados. O estorcer de angustia succede a os arrebitamentos do prazer; os labios que acabam de proferir juras, psalmodciam os versos saudosos de Petrarca, que avivam as recordações de dias festivos e para sempre finados.

Quando se sahe d'estas lutas, ou o coração ou o corpo ficam mortos. Avellar morreu, por que o seu coração era sensível.

Adeus amigo! eu invejo a tua morte, por que eu não soube trocar como tu a vida pela crença; e agora assisto, sacerdote apostata da mocidade idealista, ao sahimento dos nobres corações, que comigo outr'ora palpitaram.

R. C. M.

## Variedades.

*Cousas difficilis de se achar.*

Um amigo verdadeiro. — Um nescio sem pretensões — Uma mulher sem defeitos (este artigo é escripto por homem). — Um homem sem paixões (este é escripto por mulher). — Um bom livro. — Um thesouro escondido. — Uma moeda no fundo do mar. — Um homem feliz. — Os sepulchros de Adão o Eva. — Um gazetilheiro que não minta.

*Qual será preferivel?*

A franceza casa-se por calculo, a ingleza por costume, e a allemã por amor.

A franceza ama durante a lua de mel, a ingleza toda a vida, e a allemã além da morte.

A franceza leva sua filha ao baile, ingleza á igreja, e a allemã occupa-a na cozinha.

A franceza tem genio e inspiração, a ingleza intelligencia, e a allemã sentimentalismo.

A franceza veste com gosto, a ingleza sem elle, e a allemã com modestia.

A franceza tagarella, a ingleza falla, e a allemã resmungo.

A franceza offerece uma rosa, a ingleza uma dhalia, e a allemã *vergeis mit nich.*

A franceza sobresahe pela lingoa, a ingleza pela cabeça, e a allemã pelo coração.

Typographia Catharinense

de Germano Antonio Maria Avelim. Rua Augusta N. 23. — 1862.